



Re-vista de Humanidades

Nº 1 | SETEMBRO 2021





Eu e Paulo: freirianamente entrelaçados

Adriana Rocha Bruno

Quando Antônio – meu amigo querido, grande educador, e culpado por vocês estarem lendo esse texto nesta revista – me pediu para escrever sobre Paulo Freire, pensei: ok, não será difícil, pois ele é parte de minha história e mais: ele é meu grande inspirador para ser professora, ser gente no mundo.

Sentei para escrever e... por uns instantes travei. O que escrever desse homem que é hoje a grande inspiração para todos os professores/as do mundo? Sim, do mundo! Muitos sabem que ele é estudado em diversos países, tendo inclusive recebido 41 títulos de Doutor Honoris Causa de Universidades como Harvard, Cambridge e Oxford, registrados até 2019. Ora, isso não é pouco! O que eu poderia escrever que não tenha sido escrito por tantos intelectuais, estudantes e familiares mundo afora, especialmente neste 2021 em que comemoramos o seu centésimo aniversário?

Como sou obediente, pedido de amigo é quase uma ordem, e sou atrevida: partilharei com vocês alguns pontos que são para mim muito caros de minha relação com ele.

Não tive o privilégio de conhecê-lo pessoalmente. Meu contato com ele foi mediado por suas obras no curso de Pedagogia, por minhas parceiras/amigas Lucila Pesce e Isabel Brioché (da Secretaria Municipal de Educação de SP e de vida); por seus familiares na PUC-SP, como Nita Freire, segunda esposa, e Madalena, sua filha; por seus parceiros acadêmicos próximos, como Alípio Casali e Ana Maria Saul, meus professores na PUCSP. Já Itamar Mendes, amigo de Freire, é meu amigo do doutorado, da docência e da vida.

Acho importante nomear essas pessoas porque cada uma delas, de um jeito próprio, trouxe Paulo Freire para o meu convívio.

Mas quero trazer para vocês os conceitos/ideias de Freire que mais me atravessam e que entendo têm tocado muitos educadores: conscientização, coerência, amorosidade e inédito viável. Tratarei cada um desses temas a partir de uma interpretação livre, respeitando cada conceito, que poderão ser aprofundados por meio das referências ao final do texto. Minha proposta aqui é partilhar os sentidos que cada um destes verbetes tem para mim – como mulher, professora, pesquisadora, mãe, filha, irmã, esposa, amiga.

Conscientização e coerência freirianas: bancando o que se pensa e o que se fala

Este subtítulo é uma provocação, mas também uma síntese dessa ideia tão potente de Freire. Essa

palavra, conscientização, não foi criada por Freire, mas foi com ele que ganhou força e passou a ser conhecida, especialmente no campo da educação.

A conscientização integra elementos muito fortes e



difíceis para qualquer pessoa: a consciência clara e **crítica** da realidade (do nosso entorno, da sociedade, do contexto vivido e do mundo, do nosso lugar e nosso papel na comunidade, das nossas relações com o outro etc) **E** atitudes a partir dessa consciência crítica. Eu destaquei a palavra “crítica” porque não basta conhecer a realidade, saber sobre ela, mas é preciso ter visão crítica. Isso significa que precisamos de elementos que nos nutram, nos fundamentem para essa compreensão crítica. Com certeza não teremos visão crítica, por exemplo, por meio de informações que circulem nas redes sociais, nos grupos de whatsapp, ou mesmo em fontes únicas e muito singulares de informação, como uma única revista ou jornal. Ter visão crítica implica em se ocupar e se cercar de fontes diversas e fundamentadas/científicas, mas também grupos de whatsapp. Explico: fontes diferentes nos permitem ter compreensão mais ampla dos temas e principalmente das pessoas que, em acordo com cada grupo e em cada fonte, partilham elementos distintos e complementares. Então, visão crítica dá trabalho e demanda tempo, certo?

Mas essa noção de conscientização vai além disso! Sim, além de ter visão e compreensão crítica do mundo, do outro e de si, é preciso agir de acordo com essa consciência crítica. Ou seja, não basta falar, dialogar sobre: é preciso praticar, assumir atos de consciência em acordo com o que se pensa, o que se diz, o que se sente. Essa é a parte que torna tudo muito difícil, inclusive para o autor, que perseguiu, em toda a sua existência, bancar o que se diz. Para conseguir tal 'proeza', errou muito, retomou, recuou, avançou e acertou muito.

Lembro de uma história contada por Nita Freire numa das aulas na PUC-SP, da época em que

Freire visitou a África e, ao sair pelas ruas com um professor africano, narra seu constrangimento – derivado de sua origem 'machista' – quando aquele colega, ao longo da caminhada, segura em sua mão e caminha com ele, de mãos dadas – costume local. Naquele momento, ele não somente se constrangeu, mas encontrou um modo de, assim que possível, se desvencilhar daquela situação desconfortável. Este relato está numa das obras de Freire que, meio sem jeito, disse ao professor: “Amigo, me desculpa, mas acho que não fica bem dois homens andando de mãos dadas pela rua, imagina se algum brasileiro passa por nós... O que ele não vai ficar pensando?” E recebeu como resposta: “Mas Freire, aqui na África é a coisa mais normal do mundo dois amigos andarem de mãos dadas na rua” (FREIRE, 2003, p. 76, apud MADERS, BARCELOS, 2019, p. 387).

Passada a experiência, Freire consegue refletir o quão difícil fora, mesmo para ele, colocar em prática o que pensava e dizia, ou seja, “bancar” suas ideias.

Essa história remete-nos a outro conceito muito caro para Freire e para todos/as nós, que é a coerência. O relato anterior integra tanto a ideia de conscientização quanto o de coerência, pois ambos evocam a necessidade de se bancar/praticar o que se diz e o que se pensa.

Nessa direção, ser coerente implica em viver de acordo com suas ideias. Não dizer 'da boca pra fora', mas assumir para si e para sua vida o que se diz como prática e sentir, deixar-se ser tocado por aquelas ideias. Nessa direção, um grande amigo, Itamar Mendes, num dos seus belos textos (MENDES, 2010, p. 2), relembra outra história em que Freire fala sobre a busca da coerência entre o



que pensava/sentia sobre o 'fumo' (cigarros), seu hábito de fumar, e a necessidade de deixar aquele vício:

(...) me sentia demasiado incômodo vivendo a incoerência entre falar e escrever em torno de uma pedagogia crítica, libertadora, que defende o exercício da decisão enquanto posição do sujeito e não a postura acomodada de puro objeto e a minha submissão total ao cigarro. Em certo momento passou a ser difícil conviver com o conhecimento de quanto o fumo me estava prejudicando sem que me rebelasse contra ele. A raiva do fumo e a raiva de mim mesmo por tanta complacência que tivera com ele fortaleceram a minha vontade. Decidi, então. Parei de fumar para sempre. (FREIRE, 2000, p. 46 apud MENDES, 2010, p. 2).

Vejam que não se trata de ser um professor, um educador coerente, mas uma pessoa coerente. É disso que se trata e, mais uma vez, o quão difícil isso é, pois Freire nos chama para a prática.

Amorosidade e o Inédito viável em/com Freire: o sentir e o fazer a utopia acontecer

É interessante notar que as ideias de Paulo Freire são facilmente compreendidas e geram concordância entre a maioria dos seus leitores. Como ficou claro nos conceitos anteriores, a questão toda com esse grande professor é juntar teoria e prática. As duas ideias ora narradas, a amorosidade e o inédito viável, são, igualmente, noções que implicam na prática como práxis, pois ela corresponde a atos políticos e sociais rumo à transformação intencional do mundo por meio do homem em sua relação consigo, com o outro e seu entorno.

Transformar a si é um movimento intenso de amorosidade, ideia freiriana que precisa ser bem compreendida para não ser banalizada. A amorosidade está sempre acompanhada de outras ideias, como: diálogo, respeito, autonomia.

Paulo Freire amava: o ser humano, os estudantes,

os professores e as professoras, os homens e as mulheres, a vida, a educação, o mundo. Compreendia e vivia o amor com amorosidade. Mas: o que ele de fato entendia por amorosidade? Este conceito é muito amplo e complexo em Freire, pois integra o eu, o outro, as relações humanas entre si, com sociedade, com as múltiplas e diversas culturas e também com o mundo, o planeta, a biodiversidade. Enfim, é inclusiva e articuladora. A amorosidade é tratada em sua obra especialmente para falar da relação docente, entre professores e estudantes, que em diálogo tecem caminhos de afeto e de ética. Não há espaço para exclusão, rejeição ou preconceito no campo da amorosidade, pois nela e com ela se constroem, na práxis coletiva, relações férteis e grávidas de amor e de liberdade. Não é possível ser amoroso sem liberdade, e com ela a dignidade de ser humano e se humanizar a cada encontro. O ser amoroso para Freire é um ato político e ético: ama-se o diferente e o diverso, o mundo físico e o existencial, homens e mulheres, humanos e não humanos. Como diria Amorim e Calloni (2017, p. 410):

Que a amorosidade não seja entendida como – ou assimilada a – um sentimento piegas, mas que seja interpretada como parte do dever emancipatório que transpassa a formação humana para a libertação dos homens e mulheres inacabados, produtos e produtores da sociedade eticamente construída.

Notem que a amorosidade, muito facilmente compreendida, entra no rol de ideias muito potentes em concordância, e também exigente de uma prática complexa e difícil, mas que precisa ser perseguida cotidianamente.

Quando falo de perseguição, me vem a última ideia que quero aqui explorar: o inédito viável. Pense em algo em que você sonha e que gostaria muito que acontecesse, embora ainda esteja longe de ser realizado. É possível, mas você só enxerga sua realização a longo prazo. Alguns até diriam que é



utópico, no sentido de que seria quase um desejo fantasioso. A palavra utopia vem sempre associada ao que não pode ser realizado ou a algo muito difícil de ser realizado: do grego u = a não existente, e topos = lugar, ou seja: lugar não existente.

A utopia freiriana oferece outros sentidos para o termo, pois é a utopia do possível, do realizável. Carrega consigo palavras que dão outros sentidos quando associados à utopia: esperar, projetar (se lançar), inacabar/inacabado, criticar/criticidade, praticar. Sobre isso, nos diz Freire:

A educação crítica é a 'futuridade' revolucionária. Ela é profética e, como tal, portadora de esperança — e corresponde à natureza histórica do homem. Ela afirma que os homens são seres que se superam, que vão para a frente e olham para o futuro. Seres para os quais a imobilidade representa uma ameaça fatal. Para os quais ver o passado não deve ser mais que um meio para compreender claramente quem são e o que são, a fim de construir o futuro com mais sabedoria. Ela se identifica, portanto, com o movimento que compromete os homens como seres conscientes de sua limitação, movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida. O seu sujeito, o seu objetivo. (FREIRE, 1979. p. 81-2).

Para ser crítico, são necessários dois movimentos: denunciar e anunciar. Não basta apontar criticamente os problemas, há que se propor caminhos e soluções possíveis. A utopia realizável convoca-nos mais uma vez à práxis, pois ela é compromisso social. Dito isso, evidenciamos, com uma fala de Freire, a relação entre utopia e conscientização:

A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos. Mas esta posição deve ser permanente: a partir do momento em que denunciarmos uma estrutura desumanizante sem nos comprometermos com a realidade, a partir do momento em que chegamos à conscientização do projeto, se deixarmos de ser utópicos nos burocratizamos; é o perigo das revoluções quando deixam de ser permanentes. (IDEM, p. 16)

Mas: e o inédito viável? Voltemos a ele. O inédito

viável não foi um conceito muito explorado por Paulo Freire, tampouco muito conhecido por nós. Paro, Ventura e Silva (2020) publicaram um levantamento bibliográfico e identificaram que, em 38 obras analisadas, apenas em cinco o termo foi mais claramente explorado por Paulo Freire. Em 2017, Ana Maria (Nita) Freire tratou desse verbete na obra "Dicionário Paulo Freire". A partir de 2020, com a pandemia, esse conceito passou a ficar mais evidente. Eu tive contato mais intenso com a ideia a partir de 2018 e falei sobre ela num evento¹.

O inédito viável pode ser compreendido como "a coragem de colocar-se frente ao velho e ao que parece impossível e antever aí a possibilidade de criação do novo" (BRANDÃO, 2005, p. 106). Diante de uma situação limite, desenvolvemos, em resposta, atos-limite. Essa disposição de cocriar algo que não havíamos feito implica abertura ao novo (inédito) que, uma vez que se torna conhecido/desejado, nos movimentamos em prol de fazer com que se torne realidade, viável. O inédito viável faz-se por meio de uma práxis libertadora, de atos livres, conscientes, coerentes e amorosos. Mas é preciso estar aberto ao novo, disposto à criatividade, disponível para reflexões sobre si e sobre o mundo, desejoso de mudança e confiante na esperança. Estes são, para mim, ingredientes importantes para a prática do inédito viável.

Esses quatro conceitos/ideias freirianos são muito potentes. Paulo Freire tem tantos outros importantes, mas esses são os meus preferidos e o são porque sintetizam elementos para se ter um ser humano melhor, um planeta melhor, um mundo

¹ABCiber 2018. Mesa Ecologia de saberes é Educação. Composta por Andreia Lapa, Luiz Adolfo e Adriana Rocha Bruno, esta última com a fala intitulada: Inédito-viável nas redes da Educação: por uma utopia possível. Disponível pelo endereço: https://www.facebook.com/watch/live/?v=889369387924423&ref=watch_permalink a partir de 1h14min46seg.



melhor. Além disso, os tempos atuais exigem que a resistência, o ativismo, a esperança e os anti: racismo, sexismo, determinismo, conservadorismo etc. tornem-se atos cotidianos, e que tais ideias de Freire assumam protagonismo para as conquistas sociais em prol da democracia.

Quase chegando ao final deste texto, trarei um 'causo' de Paulo Freire que, a meu ver, ilustra o processo lúcido, denso e difícil de integrar o pensar/falar com o agir freirianamente. Esse causo, que ficará para todos tecerem suas próprias considerações, está registrado na obra "Pedagogia da Esperança". Nela, Paulo Freire conta a experiência vivida no diálogo com um pai, num "Círculo de Pais e Professores em que o tema geral que afligia os pais e as famílias era o da disciplina na família, na Escola: o prêmio do castigo" (FREIRE, 2012). Este homem deu-lhe uma grande lição.

Então neste tal dia em que eu falei de como alcançar a criança, disse que um dos caminhos era exatamente o diálogo com a criança. Quando acabei, um sujeito se levanta de lá e diz: "nós acabamos de ouvir o Dr. Paulo Freire que falou uma fala realmente muito bonita. Agora eu queria dizer umas coisas ao doutor que eu acho que meus companheiros todos concordam" (...) "doutor, o senhor sabe onde a gente mora?". E descreveu, afinal, a geografia da casa dele, a história e a cultura da casa dele. As necessidades dele, da mulher, dos filhos, as pressões para sobreviver a tudo isso. A dor, o cansaço. Chegar em casa de noite, morto de fome e cansaço tendo que acordar no outro dia, às 4 horas da manhã, portanto, tendo que dormir. E os meninos endiabrados, diabólicos, fazendo o maior barulho do mundo. "Numa situação como essa, doutor, o pai bate e não dialoga. Mas não é porque ele não ama. É porque não pode amar como o senhor pode". E prosseguiu: "eu vou dizer ao senhor como é a sua casa, eu nunca fui lá, mas vou descrever". E descreveu perfeitamente a minha casa. (...) Que consciência de classe tinha esse homem, sem nunca ter lido Marx nem Engels. Como, a partir do conhecimento da geografia da casa, ele introduzia a vida. Ele sabia os conhecimentos que você tinha e, inclusive, a forma errada de conhecer. Rendo (...) a minha homenagem e meu agradecimento a esse homem. Ele foi meu grande pedagogo. (...) Eu confesso a vocês que naquela noite fui afundando na cadeira. Se houvesse possibilidade, eu me esconderia. Às vezes me dá gana de ir lá, ver se ainda existe, perder a humildade e botar uma placa: "AQUI PAULO FREIRE APRENDEU QUE NÃO É POSSÍVEL FAZER SEU DISCURSO PARA O POVO, QUE É PRECISO PRIMEIRO APRENDER A COMPREENSÃO DO MUNDO

QUE O POVO ESTÁ TENDO, PARA DEPOIS FALARMOS DA SUA INTELIGÊNCIA". Dá vontade de fazer isso, mas seria arrogante demais. (FREIRE e Jornal dos professores, 2012, s/p)

Esta é uma das muitas histórias (ou causos) de Paulo Freire em que fica evidente sua enorme capacidade de se rever e de ser crítico de si. Também emerge sua busca incessante de "bancar" o que pensava/falava, sentindo e praticando suas utopias. Suas ideias eram simples, não é? Sim, eu direi. A sua simplicidade no dizer, no partilhar e em nos fazer compreender o mundo fazia-nos enxergar sua complexidade, pois era no fazer que tudo seria possível, e esse sempre foi o seu desafio e a grande lição e provocação deixadas para nós por ele.

E o encontro com Paulo, conforme apontado no título? Encerro este texto com um causo que sinaliza sua influência em minha vida, na busca coerente e coletiva por uma conscientização amorosa do inédito viável.

O causo escolhido deu-se quando eu era professora do Ensino Fundamental numa escola municipal na periferia de São Paulo. O bairro era o Grajaú, o ano era 1992, e eu era professora da 4ª série (hoje, 5º. ano), numa turma composta por crianças e jovens de idades variadas (multirrepentes²). Eduardo era um desses alunos e devia ter uns 15 anos. Chegava todos os dias para a aula, que começava às 7h30, instalava-se em sua carteira, deitava a cabeça e dormia. Essa situação durou o tempo necessário até que eu

²Essa situação foi transformada por meio de uma política pública, que ficou conhecida como "Ciclos", iniciada na gestão de Paulo Freire, então Secretário de Educação do município de SP no governo da prefeita Luiza Erundina. Até aquele momento as salas eram habitadas por crianças e jovens que, devido às constantes reprovações, não conseguiam avançar em seus estudos, por inúmeras carências de toda ordem. Para saber mais, acesse: <https://www.scielo.br/j/pp/a/DstDxKRdPqn98qwyMxLYn5p/?lang=pt&format=pdf>



descobrisse a saga que ele enfrentava ao procurar, madrugadas adentro, de bar em bar, por seu pai, alcoolista, para levá-lo para casa. Conseguimos, num esforço da direção com a família, mudar essa situação. Entretanto, mesmo acordado, ele se mostrava muito duro, sempre com o rosto fechado, por vezes mal-humorado. Desmotivado, como a maioria dos jovens como ele. Em diversos momentos 'puxando' conversa, descobri também que ele, junto com outro estudante, Marcos 'ferrugem' (apelido dado, pois possuía várias sardas no rosto), vendiam balas e rosas no semáforo após as aulas. Essa atividade laboral fazia com que eles tivessem muita facilidade para cálculos mentais. Por essa via, começamos a brincar sobre quem terminaria primeiro as contas e as expressões numéricas que eu passava na lousa, criadas 'de cabeça' por mim. Eu terminava de passar na lousa e todos/as nós começamos a resolver. Eduardo e Marcos, além de sempre terminarem primeiro, às vezes corrigiam erros meus. Tal feito transformou a autoestima desses estudantes e contagiou outros. Dessa atividade, agora como equipe, passamos a criar muitas outras ações de aprendizagens: partilha de talentos - em que ao final das aulas grupos de estudantes revelavam sua criatividade por meio da arte, música, histórias etc. Escolhiam o que desejavam partilhar e, assim, foram revelados para nós tantos talentos, tantas possibilidades que ficam ocultas nas salas de aula. Uma sala de aula que também tinha uma professora em formação constante, apoiada por outra educadora: Isabel Brioché³.

Eduardo e Marcos, além de terem sido os melhores em matemática daquela turma - justo em uma área

em que tantos têm dificuldades -, também encontraram naquele espaço, coletivamente construído por nós, um ambiente de emergência de suas potencialidades: montaram um grupo de pagode e passaram a tocar no bairro, em festas e chegaram a ir a um programa de TV da época. Passaram a ter outro olhar para seu contexto, para suas atividades laborais, seu papel social e de estudantes. De modo semelhante, outras/os meninas/os mostraram seus talentos como dançarinas/os, poetas ou contadores de histórias.

Não soube mais desses queridos estudantes. Não havia Internet, não havia nem sinal de redes sociais. Mas eles marcaram intensamente a minha história. Me deram grandes lições e sou muito grata. Este "causo", muito resumido para caber neste texto, me possibilitou - hoje posso compreender - o exercício freiriano como práxis de uma professora que até hoje permanece nessa busca amorosa de encontros docentes.

Sigamos freirianamente conscientizando-nos amorosamente de que o inédito viável dá-se em meio à coerência. Muito grata, meu querido Paulo, por tantos encontros. Muito grata a Antonio, pelo convite provocador que me fez revisitar minha história e as experiências/emergências com Paulo Freire. Desejo que vocês, leitores, encontrem-se com Paulo ao longo de suas trilhas de vida.

Adriana Rocha Bruno⁴

Professora e Pesquisadora



³ Isabel Brioché foi coordenadora da escola no período em que eu trabalhei lá. Semanalmente desenvolvia formação docente conosco. Com ela, aprendi a prática freiriana, pois, mais do que falar, ela agia bancando suas ideias. A ela sou muito grata.

⁴ Mulher, feminista, mãe de Juliana e Léo, parceira e amor de João, filha, irmã, tia, amiga, antiracista, amante das artes, da música, das histórias, das conversas e das pessoas. Tudo isso, não necessariamente nessa ordem.



Referências:

AMORIM, Filipi V., CALLONI, Humberto. Sobre o conceito de amorosidade em Paulo Freire.

Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 22, n. 2, p. 399-411, maio/ago. 2017. Disponível pelo endereço:

https://www.researchgate.net/publication/317901770_Sobre_o_conceito_de_Amorosidade_em_Paulo_Freire

0 Sobre o conceito de Amorosidade em Paulo Freire

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia. Projeto Memória. São Paulo: Mercado Cultural, 2005. 140 p.

Disponível pelo endereço:

http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/video/livro_fotobiografico.pdf

FREIRE, Ana Maria Araújo. Inédito viável. In:

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (Orgs.). Dicionário Paulo Freire 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 223-226.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. tradução de Kátia de Mello e Silva. revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Disponível pelo endereço:

https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/Paulo%20Freire%20-%20Conscientiza%C3%A7%C3%A3o_pp.5-19.pdf

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____, Jornal dos Professores (1991). Entrevista histórica com Paulo Freire. Reedição de publicação especial do SINPRO-SP em 2000, pela Revista

GIZ. Disponível em:

<https://revistagiz.sinprosp.org.br/?p=1749>

MADERS, Sandra, BARCELOS, Valdo. Paulo Freire – cidadão brasileiro, educador do mundo. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 21, p. 378-394, 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.4877> .

Disponível pelo endereço:

<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/4877/2864>

MENDES, Itamar. ELEMENTOS DE COERÊNCIA ÉTICO-POLÍTICA EM PAULO FREIRE: implicações para o currículo. Debates em educação. Maceió, Vol. 2, n. 3 Jan./Jun. 2010. Disponível pelo endereço:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/viewFile/58/55>

PARO, César A., VENTURA, Mirian, SILVA, Neide É. K. PAULO FREIRE E O INÉDITO VIÁVEL: ESPERANÇA, UTOPIA E TRANSFORMAÇÃO NA SAÚDE. Trabalho, Educação e Saúde. N. 18 (1), 2020. Disponível pelo endereço:

<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00227>